



Domingo de Ramos
Ano B - Mc 14,1-15,47

SEMANA SANTA

“ONDE QUERES QUE PREPAREMOS A REFEIÇÃO DA PÁSCOA?”.

Domingo de Ramos – Dia 28.03

Mc 14, 1-15,47: "Onde queres que preparemos a refeição da Páscoa?"

O relato da paixão de Jesus, que a liturgia nos propõe neste domingo ao lado do da entrada festiva de Jesus em Jerusalém (Mc 11,1-10), ocupa um quinto de todo o Evangelho segundo Marcos. É o relato mais antigo contido nos Evangelhos, uma longa narração em que encontramos o eco das testemunhas, acima de tudo de Pedro, cujo nome retorna frequentemente, e depois dos outros discípulos. Todos, porém, no momento da prisão, fogem...

O relato é composto por duas partes: a primeira, que narra os eventos vividos por Jesus junto com sua comunidade até a captura (cf. Mc 14,1-42), e a segunda que apresenta o processo nas suas fases, a execução da condenação em cruz e o sepultamento do corpo de Jesus em um túmulo (cf. Mc 14,43-15,47).

Dada a amplitude desse trecho, não podemos fazer um comentário pontual; portanto, nos limitaremos a um olhar de conjunto que evidencia a boa notícia, o Evangelho contido no relato da paixão.

Essa narrativa põe à prova o nosso olhar de fé sobre Jesus: somos quase forçados a sofrer o escândalo e a loucura da cruz (cf. 1Co 1,23), somos colocados diante do resultado falimentar da vida de Jesus. Aquele que

passou no meio do seu povo fazendo o bem (cf. At 10,38), cuidando dos doentes e às vezes curando-os, e forçando o diabo a obedecê-lo (cf. Mc 1,27) e a recuar; aquele que, como profeta poderoso em obras e palavras, “todos procuravam” (cf. Mc 1,37); aquele que atraiu a si as multidões, que o aclamaram como bem-aventurado e como aquele que vem no nome do Senhor (cf. Mc 11,9); aquele que conseguiu reunir ao seu redor uma comunidade itinerante de homens e mulheres que o reconheciam como Profeta e Messias; esse homem, Jesus de Nazaré, conhece um fim impensável e chega a uma morte falimentar.

Cada leitor atento do Evangelho, cada discípulo que seguiu Jesus desde seu batismo até o fim, não pode deixar de ficar profundamente abalado, perturbado com tal resultado...

Onde foi parar – alguém pode se perguntar – a força de Jesus, o poder com que ele libertava da doença e da morte aqueles que por elas estavam marcados? “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar” (Mc 15,31) – seus adversários zombam dele...

Onde foi parar aquele carisma profético com o qual ele anunciava como já muito próximo ou, melhor, presente o Reino de Deus (cf. Mc 1,15)? Por que, na paixão, Jesus está reduzido ao silêncio e se deixa humilhar sem abrir a boca (cf. Is 53,7)?

Onde está aquela autoridade que lhe foi reconhecida tantas vezes por aqueles que o chamavam de mestre, o aclamavam como profeta, o invocavam como Messias e Salvador?

Todos aqueles que pareciam ser seus seguidores e simpatizantes desapareceram, e Jesus está sozinho, abandonado por todos, inerte e sem qualquer defesa.

Mas o enigma é ainda mais radical: onde está Deus durante a paixão de Jesus? Aquele Deus que parecia ser tão próximo dele e que ele chamava confidencialmente de “Abba”, isto é, “Papai querido”; aquele Deus que o havia declarado “Filho amado” no batismo (cf. Mc 1,11) e na transfiguração (cf. Mc 9,7); aquele Deus por quem Jesus havia colocado em jogo e consumido toda sua vida, onde está agora?

Não nos esqueçamos: a morte de cruz – como o apóstolo Paulo compreendeu - é a morte do amaldiçoado por Deus (cf. Dt 21,23; Gl 3,13), julgado como tal pela legítima autoridade religiosa de Israel, e ao mesmo tempo, é o suplício extremo infligido a quem é considerado como nocivo à sociedade humana. Jesus verdadeiramente morreu como um impostor, na ignomínia, pendurado entre céu e terra, por ter sido rejeitado por Deus e pelos homens...

Segunda-feira – Dia 29.03

Jo 12, 1-11: “...se afastavam e acreditavam em Jesus.”

Nosso Senhor amava Lázaro, Marta e Maria. Ele volta a Betânia seis dias antes da Páscoa: “Jesus visita de novo os Seus amigos de Betânia. Comove ver como o Senhor tem esta amizade, tão divina e tão humana, que se manifesta num convívio freqüente”.

Cristo Jesus sempre foi muito bem recebido por Lázaro, Marta e Maria, em qualquer dia e a qualquer hora, com alegria e afeto. Havia grande respeito, atenção e caridade entre eles. E meu irmão, minha irmã qual tem sido o teu comportamento ante, os que não têm por onde reinclinare a cabeça? Assim como Lázaro, Marta e Maria recebiam o Senhor em sua casa com alegria e amor, abramos também o nosso coração para recebê-LO.

São milhares aqueles que negam hospedagem para Cristo Jesus em seus corações, mas escancara-os para o mundo e suas vaidades; esses vivem com a alma cheia de vícios: a alma, sem a presença de seu Deus e dos anjos que nela jubilavam, cobre-se com as trevas do pecado, de sentimentos vergonhosos e de completa ignomínia. Ai da alma se lhe falta Cristo, que a cultive com diligência, para que possa germinar os bons frutos do Espírito! Deserta, coberta de espinhos e de abrolhos terminará por encontrar, em vez de frutos, a queimada. Ai da alma,

se seu Senhor, o Cristo, nela não habitar! Abandonada, encher-se-á com o mau cheiro das paixões, virará moradia dos vícios” diz São Macário.

Era costume da hospitalidade do Oriente honrar um hóspede ilustre com água perfumada depois de se lavar. Mas mal se sentou Jesus, Maria tomou um frasco de alabastro que continha uma libra de perfume muito caro, de nardo puro. Aproximou-se por detrás do divã onde estava recostado Jesus e ungiu os seus pés e secou-lhes com os seus cabelos: Trata-se de Maria Madalena que, pela segunda vez, unge o corpo santíssimo do nosso divino Salvador.

O nardo era um perfume raríssimo, de grande valor, que ordinariamente se encerrava em pequenos vasos de boca estreita e apertada. Quebrar este vaso e derramar o conteúdo sobre a cabeça de alguém, era, entre os antigos, sinal de grande honra e distinção.

Maria ofereceu o melhor para Cristo Jesus. Ela não ofereceu um perfume barato, e sim, o melhor e o mais caro. E tu o que tens oferecido ao teu Senhor?

Terça-feira – Dia 30.03

Jo 13, 21-33.36-38: "Em verdade vos digo: um de vós me há de trair..."

Três anos de convivência. Judas não entendeu nada. Pelo que percebemos, embora s. João diga que ele era ladrão, que não cuidava bem da caixa de despesas... o pensamento de Judas era mais político: esperava como tantos que Jesus com seu poder conduziria os judeus à liberdade de ser de novo uma pátria livre dos romanos. Digo isso porque Judas não ficou com o preço da traição. (Mt 27, 3-7)

Todos somos pecadores. Somos frágeis. Todos os santos pediam a Deus a graça perseverança final. Não basta agora estar com Deus, devemos ficar sempre com Ele.

Pensemos um pouco sobre a traição entre amigos. Trair é enganar. Não confiar. Se continua convivendo, é fingimento para ter alguma vantagem.

Pode ser uma falha da pessoa, uma amizade superficial, mais para ter sempre alguém por perto. Esquece momentos importantes da vida do outro. É exigente: cobra quando o outro o deixa de lado. E se o amigo é importante, fica sendo um trunfo diante das pessoas: fulano é meu amigo!

Sentimos muito o que Judas fez com Jesus! Mas nós também em menor escala “brincamos” de amizade com o Mestre.

Pedro. Outra lição de vida. Devemos ter decisão no que queremos. E tentar cumprir o que prometemos.

O erro de Pedro não foi só não reconhecer a possibilidade de nem sempre seguir o Mestre, mas a forma quase orgulhosa de afirmar isso. Como se dissesse: os outros podem abandonar o Senhor, eu não!

E Jesus prevê o que vai acontecer e previne-o das negações que ele iria cometer...

Voltamos a lembrar: devemos sempre ter posição clara de que queremos seguir o Mestre. Mas contar mais com a força de Deus do que com nossas forças.

Jesus deseja muito que tenhamos definição em nossa vida. Que queiramos sempre seguir o que é melhor. Que acreditemos em seu amor sincero.

Mas com toda a humildade, contemos sempre com a ajuda de Deus.

Quarta-feira – Dia 31.03

Mt 26, 14-25: "E desde aquele instante, procurava uma ocasião para entregar Jesus."

Na Quarta-Feira Santa, a Igreja nos propõe meditar o Evangelho de Jesus segundo Mt 26, 14-25. Essa leitura nos apresenta a traição de Judas. Ela nos descreve como Judas foi ter com os chefes dos sacerdotes e se oferece para trair Jesus. Aceita trinta moedas de prata como recompensa de sua traição. Por apenas trinta moedas de prata, um dos Doze entrega o Mestre! Por quantas moedas tens tu vendido Jesus? É chegada a hora das trevas!

Com um simples beijo Judas planeja vender o seu mestre. Por trinta moedas traça-se o poder financeiro, material e finito pela vida, dom de Deus. Uma verdadeira contradição, o dono de tudo é trocado pelo dinheiro. Ontem como hoje a opção pelo dinheiro e a rejeição da vida tem falado mais alto. Assim como Judas que passa a servir os poderosos que, para manterem seus privilégios e suas riquezas, desprezando a vida e promovendo a morte, nas nossas sociedades de hoje continua, Jesus, nos pobres, nos órfão e nas viúvas, nos andarilhos, tem teto e excluídos sendo vendido pelas riquezas passageiras. Digo isso porque a sociedade neoliberal globalizada tem esta característica, e o grande império deste mundo e seus aliados fazem à guerra e destroem a vida movidos pela ambição do dinheiro. Eles produzem uma ideologia e uma cultura de ambição e violência que passa a ser assimilada por muitos.

Voltemos para o nosso texto para meditar melhor o conteúdo da Semana Santa. Estamos hoje diante da agonia de Jesus no Monte das Oliveiras quando, diante do sofrimento que passaria nas próximas horas, Jesus, numa tristeza mortal, num gesto humano suplica ao Pai: "Meu Pai, se possível, que este cálice passe de mim" (Mt 26, 39). Mas imediatamente, como cordeiro que vai para o matadouro, diz: "Contudo, não seja feito como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26, 39). É a Vítima perfeita que se entrega, é o Cordeiro Pascal, é aquele que tira o pecado do mundo por amor! O Bom Pastor, aquele que dá a vida por suas ovelhas!

São Mateus nos revela hoje o modo como Jesus foi traído por um dos seus homens de confiança. O evangelho destaca que o gesto estava inserido num contexto maior do desígnio divino sobre o destino do Messias. Nem por isso sua responsabilidade foi menor. As palavras terríveis que recaíram sobre ele não deixam dúvida a este respeito: "Seria melhor que nunca tivesse nascido!" Só Judas age na contramão da vontade do Mestre, mesmo que sua decisão, já estivesse no contexto da vontade de Deus.

A atitude cristã, que devemos ter, é a de corresponder com a graça divina, e não desprezá-la, traíndo o amor de Cristo, como fez Judas. Peçamos ao Senhor que nos conceda uma fé firme e permanente a ponto de fazermos à diferença neste mundo cheio de ganância e uma busca constante de privilégios e, sobretudo, onde parecendo que não ainda o grito de Maquiavel "o fim justifica os meios" continua ditando normas. Tira-se a vida em troca de Poder, Prazer e Posse.

Jesus faz do dom de sua vida entregue, doada livremente por nós, a Nova e eterna Aliança com o Pai celeste. Afim de que livres do pecado, vivemos agora na liberdade de filhos e filhas de Deus.

Quinta-feira – Dia 01.04

Jo 13, 1-15: "Senhor, queres lavar-me os pés!."

João não descreve o relato da última ceia como fazem os demais evangelistas, seu discurso revela o espírito eucarístico como lei do amor, caminho de maturidade espiritual num clima marcado pelo afeto filial e fraterno de Jesus.

A páscoa é a grande festa do povo judeu, memória da saída do Egito e da opressão.

Antes desta festa, Jesus quer cear com seus amigos – discípulos, de modo solene, oportunidade reveladora da riqueza do Reino de Deus.

Jesus capta ter chegado sua 'hora', momento de "passar deste mundo para o Pai"!

Não é um trânsito fácil, porque Jesus tem vínculos estreitos de amor com "os seus", e esse mesmo amor o leva a separar-se deles.

É o preço que terá que pagar por ter anunciado o Reino de Deus: Reino pleno da pureza do amor em gratuidade de entrega, de verdadeira alegria, e da paz como oferta de vida e justiça para todos.

Essas realidades que são desejadas por cada coração humano, só podem ser verdadeiras se verificadas na vivência de uma prática através da conduta, que os poderes deste mundo ficam recalitrantes em admitir.

O gesto profético de Jesus de levantar-se para lavar os pés de seus discípulos é expressão de acolhida e serviço, pedagogia de inversão de paradigmas estabelecidos pela hierarquia social. Ao inverter os termos, seu amor leva-o ao serviço mais humilde.

Pedro protesta, e isso não o detém, fazendo ver a importância do que está acontecendo.

Não excetua Judas, mas adverte que "nem todos estão limpos", chance para uma tomada de consciência.

A pergunta é: "compreendeis o que eu fiz?"

Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus vive o 'ministério do serviço entre os irmãos como Senhor e o Filho glorificado pelo Pai' (Jo 13, 31). Filho identificado com o Pai de tal maneira, que conhecer a Jesus é conhecer o Pai (Jo 14, 9), glorificação da humanidade quando se tornar discípula de Jesus e produzir frutos de seguimento.

O Reino que anuncia é descrito como vida eterna, uma vida que começa na história, porque consiste em crescer no conhecimento de quem é o Pai e o Filho e na prática de sua única lei: a de nos amarmos uns aos outros como Jesus nos amou, dispostos a entregar a vida em favor dos irmãos, medida de amor que revela a vontade do Pai como Rei.

Jesus ensina na ceia que não há lei se não houver amor, essa é a única lei! O que parece estar em oposição, quando exercitado chega a um ponto em que lei e amor se fundem em uma única realidade. A autonomia da liberdade (amor) busca conhecer o desejo do Amado, o Outro, que pela lei oferece toda a expressão de Seu Amor na liberdade.

As palavras de Jesus que consagram o pão e o vinho em corpo e sangue são anúncio de algo que ocorrerá na sexta-feira de sua paixão e morte, e representam o compromisso de algo que se irá realizar, juramento e promessa de doação total.

A eucaristia é memória de todo o Mistério Pascal: promessa realizada na quinta-feira e que se concretiza na sexta-feira Santa, englobando a aceitação do Pai e dos irmãos, e revelação no domingo da ressurreição.

Sexta-feira – Dia 02.04

Jo 18, 1-19,42: "A quem buscais?... Sou eu"

A Paixão é um processo. A Bíblia está cheia de alusões ao processo que Deus move contra os homens: é o tema do julgamento. Aqui, porém, assistimos ao processo que os homens movem contra Deus. Aliás, um duplo processo: dos judeus (que O conhecem) e dos pagãos (que não sabem onde se encontra a verdade). Os dois inimigos, que materializam na Escritura o imemorial conflito entre homem e homem, participam agora da condenação à morte do Justo. Primeira conivência, primeiro acordo, compartilhamento perverso na injustiça. Esta primeira cumplicidade reverterá depois, tornando-se aliança no amor entre judeus e não judeus, por obra

do Espírito que Jesus “emite” no momento mesmo de sua morte: “paredoken to pneuma” (Jo 19,30). Mas, antes disso, eis que a justiça é escarnecida pelos homens! Jesus prossegue em seu caminho... Renuncia também Ele à justiça: os culpados não serão punidos, mas salvos. Tudo é subvertido pela Paixão de Cristo. E nós ficamos definitivamente isentos do regime da justiça, em virtude da qual poderíamos ser condenados. A Paixão é sentença de absolvição para todos os pecadores!

Da justiça ao amor

Não é possível inventariar tudo o que nos revela a Paixão segundo S. João. No seio mesmo de sua humilhação, Jesus é nela Mestre e Senhor: no Jardim das Oliveiras, os guardas caem por terra ante a revelação de sua identidade (18,6); Ele não julga diretamente o guarda que o esbofeteia, mas convida-o a julgar-se a si próprio (18,23); avalia, pelo contrário, a falta de Pilatos, comparando-a à "de quem o entregou" (19,11). Eis como é exercido o julgamento cujo veredito é sempre de perdão: não se trata de ignorar a culpa, mas, sim, de absolvê-la! Desviar os olhos do que foi trespassado é passar ao largo do perdão.

Jesus é Senhor e até mesmo Rei (18,23-38). Ora, todo Rei exerce o poder. Qual é o poder deste crucificado? A atração irresistível da Verdade! Verdade que não vem juntar-se a “verdades”, ao que já existe no homem, mas que desvela o que nele, embora oculto, é capaz de torná-lo plenamente humano: o amor, pois amor e verdade se casam. Onipotência de um amor poderoso o bastante para renunciar ao poder e, amorosamente, ir ao encontro da fraqueza. Retornamos assim ao início do relato de S. João: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (13,1).

Sábado Santo – Dia 03.04

Mc 16, 1-7: “Não tenhais medo!”

O relato evangélico que se lê na noite pascoal é de uma importância excepcional. Não só se anuncia a grande notícia de que o crucificado foi ressuscitado por Deus. Indica-nos, também, o caminho que temos de percorrer para vê-Lo e encontrarmos com Ele.

Marcos fala de três mulheres admiráveis que não se podem esquecer de Jesus. São Maria Madalena, Maria de Santiago e Salomé. Em seus corações despertou-se um projeto absurdo que só pode nascer do seu amor apaixonado: “comprar aromas para ir ao sepulcro para embalsamar o Seu cadáver”.

O surpreendente é que, ao chegar ao sepulcro, observam que está aberto. Quando se aproximam mais, vem um “jovem vestido de branco” que as tranquiliza do seu sobressalto e lhes anuncia algo que jamais teriam suspeitado.

“Procurais a Jesus de Nazaré, o crucificado?”. É um erro procurá-lo no mundo dos mortos. “Não está aqui”. Jesus não é um defunto mais. Não é o momento de chorá-lo e render-lhe homenagens. “Ressuscitou”. Está vivo para sempre. Nunca poderá ser encontrado no mundo dos mortos, do extinto, do acabado.

Mas, se não está no sepulcro, onde se pode ver? Onde podemos nos encontrar com Ele? O jovem recorda às mulheres algo que já lhes havia dito Jesus: “Ele vai à vossa frente na Galileia. Ali O vereis”. Para “ver” o ressuscitado tem que voltar à Galileia. Por quê? Para quê?

Ao ressuscitado não se pode “ver” sem fazer o seu próprio percurso. Para experimentá-lo cheio de vida no meio de nós, tem de se voltar ao ponto de partida e fazer a experiência do que foi essa vida que levou Jesus à crucifixão e ressurreição. Se não é assim, a “Ressurreição” será para nós uma doutrina sublime, um dogma sagrado, mas não experimentaremos Jesus vivo em nós.

Galileia foi o cenário principal da Sua atuação. Ali O viram os seus discípulos curar, perdoar, libertar, acolher, despertar em todos uma esperança nova. Agora os Seus seguidores, temos de fazer o mesmo. Não estamos sós. O ressuscitado vai diante de nós. Iremos vê-Lo se caminhamos atrás dos Seus passos. O mais decisivo para experimentar o “ressuscitado” não é o estudo da teologia nem a celebração litúrgica, mas o seguimento fiel a Jesus.

Domingo de Páscoa – Dia 04.04



Domingo da Páscoa do Senhor
Ano B - Jo 20,1-9

Jo 20, 1-9: “Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram”.

Na manhã da Páscoa, são as mulheres que vão para embalsamar o corpo de Jesus. No entanto, o evangelista Lucas nos diz: “Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus” (Lc 24,3). Utilizando a palavra “Senhor”, São Lucas nos leva a um outro nível: o da fé cristã. O cadáver de Jesus não tem mais importância; é o Senhor Ressuscitado que essas mulheres procuram. Isso quer dizer que o que precede a fé é a ausência, o vazio, a falta. É o que vivem essas mulheres que foram no cemitério para enterrar dignamente aquele que elas amaram, a fim de começar o luto. A ideia delas foi completamente mudada.

Em São João, Maria Madalena vai sozinha ao túmulo, de madrugada bem cedo: “bem de madrugada, quando ainda estava escuro” (Jo 20,1). E como ela se dá conta que o túmulo está vazio, porque a pedra foi retirada, ela corre para avisar a Pedro e ao discípulo que Jesus amava: “Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o colocaram” (Jo 20,2). Mais uma vez, utilizando a palavra “Senhor”, o evangelista nos conduz ao registro pascal, porque é só após a Páscoa que esse qualificativo foi aplicado a Jesus. Trata-se, então, do Cristo Ressuscitado, não reconhecido ainda por esta mulher que amava tanto a Jesus.

Quando se ama verdadeiramente, a ausência, o vazio, a falta fazem correr. Depois de Maria Madalena, Pedro e o discípulo que Jesus amava correm os dois juntos ao sepulcro; como o amor faz correr mais rapidamente, o discípulo que Jesus amava chega primeiro (Jn 20,4). Por respeito a Pedro, ele não entra (Jo 20,5). Pedro entra e vê o que Maria Madalena tinha constatado, mas ele fica somente surpreso. Quando o outro discípulo entra: “Ele viu e acreditou” (Jo 20,8). O que significa que não é o túmulo vazio o que faz acreditar, mas sim o Amor do discípulo pelo seu Senhor.

Mas o que acontece hoje? Procuramos o Senhor Jesus? Será que já o encontramos? Reconhecemo-lo? Um amigo me fez uma pergunta no Facebook: Que faria Cristo se ele se encarnasse hoje? Eu lhe respondi: Mas Cristo se encarna todos os dias no nosso mundo. Nosso novo Papa Francisco nos lembra disso sempre: ele está nos pobres, nos desprezados, nos explorados. Pessoalmente, eu o vejo na rua, nas pessoas dos dois sexos que se prostituem, nos jovens e nos idosos, nos drogados e nos alcoólatras para devolve-lhes a autoestima que eles perderam. Ele está nos doentes e nos moribundos, nas vítimas de violência de todo tipo e nos homossexuais para restabelecer a sua dignidade que lhes foi usurpada. Ele está também com alguns padres e bispos que seguem seu ensinamento evangélico.

O Ressuscitado é primeiro alguém débil, frágil, vulnerável, que não gosta de poder e que se sente desconfortável nos palácios e nas grandes recepções. Um padre contava esta história: “Jesus caminha na calçada numa noite de Natal bem fria. Ele vê um sem-teto que está completamente gelado diante de uma igreja, onde se escutam cânticos glorificando pelo nascimento do Salvador. Ele se aproxima de sem-teto e lhe diz: Por que não vais te esquentar dentro da igreja? O sem-teto lhe responde: Senhor, eu não posso; eles não querem me deixar entrar. Jesus olha para ele com tristeza e lhe disse: Olha, não te preocupes, a mim também não, eles não querem me deixar entrar”.

Esta festa da Páscoa 2013, eu creio sinceramente que se trata de um novo Dia. Esse jesuíta argentino, que vem de ser eleito Papa e que se chama Francisco, encarna verdadeiramente o Ressuscitado. A sua luta em favor dos pobres e dos desprovidos, seu combate pela justiça atualiza o Cristo do Evangelho e justifica a razão de ser Igreja. Com ele, nós passamos de um discurso de condenação e de exclusão a uma Palavra de compaixão e de misericórdia. Com a humildade e a sinceridade que ele tem, ele nos faz passar da Sexta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa. Ele não vai reavivar, talvez, o fervor religioso dos moradores de Quebec, mas ele poderá, sem dúvida, reconciliar a muitos com a Igreja Católica.

